

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-378-1

DOI 10.22533/at.ed.781200909

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.

2. Tecnologias. I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

CAPÍTULO 2

PORQUE INCLUIR O QUE ESTÁ FORA DOS CONTEÚDOS DISCIPLINARES? ESTAMOS FALANDO DE MÚSICA!

Data de aceite: 01/09/2020

Flavia de Oliveira Barreto

DEDU/FFP/UERJ

Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/5456758245832787>

Fleudya Benigno Lopes Xavier

DEDU/FFP/UERJ

Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/4939452183849852>

RESUMO: O foco deste artigo é promover a inclusão de um tipo de Educação Musical para estudantes, entendendo esta iniciativa como uma possibilidade de enriquecer o aprendizado na área de conhecimento vinculada às Ciências Humanas, em especial no tocante aos temas Cidadania e Cultura Nacional. A utilização de novas tecnologias da informática são ferramentas necessárias para viabilizar este tipo de iniciativa.

PALAVRAS - CHAVE: Ciências Humanas e Cidadania Educação e Cultura Formação de Professores e Educação Musical.

ABSTRACT: The aim of this article is to promote inclusion of a style of musical education for students in humanities. The appreciation of music is an opportunity to enrich learning in the field of Human Sciences, and about the themes citizenship and national culture. Information technologies is a necessary tool for this initiative to work.

KEYWORDS: Culture and Education Teachers Training and Musical Education Citizenship and Human Science.

No campo das Ciências Humanas, alguns temas são permanentes e atravessam distintos campos disciplinares tais como Antropologia, História, Sociologia, Educação e outros. Vamos nos ater no presente artigo aos seguintes temas: cultura, identidade nacional e cidadania.

Evidentemente, há um entrelaçamento entre os dois temas, pois não há exercício de cidadania sem que esteja fortemente consolidado o sentimento de pertencimento a uma sociedade, ou seja, sem que exista clareza quanto ao fato de que cada identidade individual deve então existir como conexa a uma dada identidade nacional, para que o sentimento de pertença lhes inspire ao exercício pleno da cidadania.

O que nos surge como inspiração de um futuro para o aprendizado nos vários campos das ciências humanas em relação aos temas anteriormente destacados é a possibilidade de percebermos os atravessamentos pertinentes, e que podem ser originários de outros campos de saberes, tais como a arte musical, as memórias e as histórias escondidas no patrimônio cultural musical brasileiro.

Sobre o debate acerca do conceito de cultura, alguns autores dedicados ao caso brasileiro debruçam-se incansáveis, através dos tempos, em busca de elementos que possuam a propriedade de articular a memória cultural e a identidade nacional brasileira. Renato Ortiz, um autor que apresenta um bom panorama do

debate, resgata a noção de cultura popular em Werneck Sodré, que afirma sua percepção de que só pode ser identificado como nacional o que é proveniente de uma origem popular, inspirado pela ideia de mistura racial, noção presente nos autores que o precederam como Silvio Romero, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Quer seja a partir de uma perspectiva racial como em Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, ou abarcando a ideia de homem sincrético, produto do cruzamento entre três culturas distintas, há uma preocupação que ocupa os intelectuais brasileiros nos anos 50 e 60 no Século XX: distinguir os elementos constitutivos da identidade nacional como fundamento do Estado brasileiro.

Ortiz apresenta também a leitura que Roger Bastide faz do conceito de memória coletiva em Halbwachs, para afirmar que há uma “miniatura da África” na ritualização das religiões afro-brasileiras, atualizando e revivificando celebrações de cunho religioso. Porém, ainda cabe problematizar a noção de africanidade como constituinte de uma identidade nacional, posto que a partir das práticas culturais experimentadas pelo espaço continental que é o Brasil, o que se pode encontrar é a mais diversificada pluralidade, estendida para muito além da memória de uma África que não é país de uniformidade cultural e, sim, continente composto de infinidade de etnias e religiosidades.

De forma pertinente, Ortiz retoma o debate e separa a memória coletiva da memória nacional, conforme Halbwachs também o faz, dimensionando a memória coletiva que se manifesta ritualmente como sendo tanto ou mais presente, quanto menor é o grupo que a compartilha, enquanto que a memória nacional é fruto de uma construção em disputa e que se ancora em construção ideológica no diálogo com a História. Ou seja, o problema de uma identidade nacional assentada na ideia de cultura nacional, parece tornar a pretensa identidade nacional intangível enquanto conceituação estável.

Ao observar a questão por outro ângulo, a disputa pela escolha de quais serão os componentes a habitar o sentimento de brasilidade é uma realidade dinâmica e historicamente permanente. Trabalhar na direção de ocupar espaços é sem dúvida atribuição para intelectuais e educadores atuantes de hoje e em um futuro bastante permanente.

CIDADANIA

Entendemos que o tema cidadania não deveria ser considerado um assunto disciplinar sobre o qual se lê e debate, permanecendo, todavia alheio à cotidianidade da vida social. Consideramos a cidadania fundamentalmente como uma prática social viva, inspirada e guiada pelo sentimento profundo de se fazer parte. Algo socialmente compartilhado, do qual muitos comungam e conhecem com

relativa profundidade, de tal modo que une tal memória venha a unir todos nos cuidados com a sociedade a qual pertencem.

(...) a existência de um discurso metamemorial é um indicador precioso, revelador de uma relação particular que os membros de um grupo considerado mantêm com a representação que eles fazem da memória coletiva desse grupo, e, de outro lado, esse discurso pode ter efeitos performativos sobre essa memória, pois, retomado por outros membros, esse discurso pode reuni-los em um sentimento de que a memória coletiva existe e, por esse mesmo movimento, conferir um fundamento realista a esse sentimento. (CANDAU, 2018, p.34)

O autor ao analisar as propriedades da memória, entre as várias tipificações, indica a relação das memórias compartilhadas e a possibilidade de unir uma coletividade em torno da percepção de pertencimento por meio do compartilhamento de memórias comuns. *“Se admitirmos que os seres humanos não são indivíduos atomizados, criando suas identidades e perseguindo seus objetivos independentemente dos outros”* (CANDAU, 2018, p.31)

Propomos eleger, para que se desenvolva nas novas gerações a percepção da cidadania através do sentimento de pertencimento, questões outras, que se situam para além de acontecimentos e fatos elencados na narrativa histórica como as principais ancoras referenciais. Nos referimos a apresentar uma expressão da cultura, que se efetiva por meio de uma das linguagens artísticas, que tem como característica maior, possuir o maior potencial de contundência e atingimento social. Estamos indicando a música como essa ponte de integração entre os temas exponenciais das ciências humanas e o sentimento inspirador de cidadania ativa.

A música, entre os tipos diferenciados de arte, agrega a todos como se uma força etérea estimulasse o gosto. Para além do credo, das origens étnicas, das inserções de classe, a humanidade como um todo é sensibilizada pela música. Assinalamos que a produção e veiculação da música faz voltar sobre si muitos olhares a partir de diferentes campos de estudo. Articulam-se a arte e a economia, conforme a dinâmica intrínseca de inclusão social e a geração de emprego e renda que a parte musical do patrimônio cultural e artístico impulsiona. Deste modo, a educação musical é uma conquista social que produz, por conseguinte, uma clara conexão com a dimensão da vida política, configurando-se um instrumento real de inclusão social e, de grande contribuição para a redução de algumas barreiras sociais.

Sendo mais específica sobre o que é música conforme o ponto de vista técnico, PRIOLLI (2006) é a ligação da arte dos sons, relacionando com as variações de altura no qual a música possui três importantes elementos, a melodia, ritmo e harmonia. PRIOLLI, (2006) ainda ressalta que a música, devido aos elementos citados acima, pode ser usada para “expressar profundamente qualquer sentimento”

p.6 Porém, em busca de definições, podemos seguir outra linha, mais afeita ao plano do sensível:

Compreendemos o que é música quando ao ouvirmos uma, experimentamos sensações impossíveis de serem expressas por meio de palavras. São momentos oníricos em que transcendemos e nos vemos transportados para lugares nunca dantes visitados, quicá inexistentes, mas possíveis de serem sentidos, infinitamente, por meio de uma comunhão que se faz entre o ouvinte e a música.

Nesses momentos a música deixa de ser um problema de ritmo, de harmonia ou de melodia, como diria um teórico e passa a ser tão somente as 'asas da alma'. (BARRETO, F.O., LEAL, R.C.S, 2016, p. 138-139.)

Todavia, é relevante ressaltar que a possibilidade de apreciar a música de forma ampliada, assim como a possibilidade de fruição de demais linguagens artísticas se encontra diretamente ligada ao percurso de formação, à inserção social, ao momento histórico, ao horizonte de perspectivas, bem como ao acesso a um maior nível de conhecimento sobre o próprio campo artístico em si. O que nos coloca ante a necessária democratização do direito de acesso ao patrimônio cultural e social. Identificamos a Educação Musical como uma possibilidade de contribuição para a reafirmação/construção de uma memória musical brasileira compartilhada, pontilhada pelas contribuições de indivíduos produtores de uma linguagem artística que expressam relação tempo-espaço de suas produções e do público que as reverenciam.

Fruto da mobilização social, a Lei 11769/2008, ainda em vigência sobre a Educação Básica, esta Lei propõe uma Educação Musical obrigatória. Entretanto, sem a devida clareza de como tornar realidade o propósito do disposto no texto da lei, iniciativas esparsas fazem a interpretação sobre os objetivos a serem alcançados. Ao observar as possibilidades práticas de implementar uma Educação Musical direcionada para a formação de instrumentistas ou cantores, testemunhamos uma série de exercícios que pouco contribuem para a formação de uma geração de apreciadores da arte musical. Em algumas escolas professores esforçam-se para ensinar os fundamentos da escrita musical, entremeando aulas enfadonhas com o canto de hinos; em outras compõem-se à guisa de uma releitura do que Villa-Lobos organizou ao produzir uma apresentação de gigantesco coral composto por vozes infantis. Na ocasião, o evento se propôs a ser um exemplo da amplitude do alcance da política de educação musical do governo Vargas, capitaneada por Villa-Lobos. Este exemplo inspirou posteriormente a apresentação das centenas de moças acordeonistas sob a batuta do professor Mascarenhas, na década de cinquenta, no campo de atletismo do estádio do Maracanãzinho.

Ainda podemos presenciar exercícios que replicam essa concepção de educação musical massiva atualizada, na exibição de pequenas orquestras de muitas flautas, organizadas para apresentarem os filhos aos pais orgulhosos pela formação criativa que os filhos estão a receber nas escolas particulares. As flautas estão em voga por motivos de fácil entendimento: inicialmente, porque são baratas, não ocupam lugar, são de uso pessoal e justificam que se coloque aos pais a necessidade de que estes se encarreguem de comprar os instrumentos para seus filhos, o que desincumbe financeiramente a escola de adquirir o suporte necessário para viabilizar a Educação Musical de seus alunos.

Se a proposta de Educação Musical fosse realmente direcionada à formação obrigatória de todos os alunos na Educação Básica como instrumentistas minimamente hábeis, o compromisso de adquirir instrumentos numerosos e variados, correspondendo à formação de pequenas orquestras em cada escola, deveria ter sido também esta aquisição uma imposição clara ao Estado e as demais escolas no momento da aprovação da Lei. Todavia, não se dispôs sobre a necessidade de uma estrutura minimamente suficiente para estabelecer com clareza e de forma inquestionável que o objetivo da Educação Musical seria formar musicistas com a formação de instrumentistas.

Verdadeiramente, nem todas as crianças e jovens que estão em período escolar tem pendores para se expressar como instrumentistas ou compositores. Nem pendores e nem sequer a necessária paixão para suportar a obrigatoriedade de uma dedicação incansável e ininterrupta, própria da formação do musicista mediano. E no caso de não haver a empatia pelo processo de aprendizado e domínio de um instrumento, tudo o que advém deste processo se torna tão desagradável quanto qualquer castigo insuportável, para aquele que se percebe como vitimado por um processo de aprendizado exigente e com o qual não se identifica.

Porém, de forma paradoxal, todos, indiscriminadamente apreciam a música e se deixam tocar por ela de alguma maneira. Independente da faixa etária, do credo religioso, da etnia, da orientação sexual ou das inserções de classe, não existe ser humano que rejeite se deixar tocar de alguma maneira por esta, ou aquela outra manifestação musical. A humanidade como um todo é sensibilizada pela música.

Entendemos que o acesso ao patrimônio cultural e musical brasileiro, na forma em que este se encontra enquanto um patrimônio memorável, em condições de difícil acesso e em completa desordem, é uma tarefa restrita aos iniciados, pesquisadores e colecionadores. Por este motivo, uma aproximação depende em grande medida do gosto que se pode desenvolver, para que este estimule e promova então o exercício esforçado por esta busca de conhecimento. Trata-se verdadeiramente de um trabalho quase arqueológico de busca pelas veredas perdidas da musicalidade brasileira, em busca de reavivar a memória da sociedade em torno da sua própria

produção da arte musical. Sabemos que a memória “é composta por lembranças, que são mais ou menos valorizadas, mas também por esquecimentos de coisas e fatos que não deixaram vestígios de si, seja porque não são mais lembrados, seja porque algo ou alguém impede sua rememoração”. (GUARINELLO, 2014, p. 11).

No caso em pauta, o impedimento da valorização pela rememoração vincula-se a uma fatídica prática largamente adotada em nosso país: a desvalorização de tudo o que é produzido e realizado por cada um de nós como sintoma do desapareço à própria cidadania e pertencimento à sociedade brasileira. Ainda que por reflexo de uma multiplicidade de problemas herdados desde os primórdios do processo de formação da sociedade brasileira enquanto colônia. A desigualdade social em que ainda permanecemos submersos em nossa sociedade aparece no olhar de Murilo de Carvalho (2010), que aponta em relação ao processo histórico de estabelecimento da cidadania no Brasil, uma espécie de perpetuidade da escravidão, no que tem derivado dela no tocante às desigualdades entre os vários segmentos e classes sociais quanto às oportunidades de acesso ao conhecimento e à cultura.

Ainda podemos identificar que a apreciação reduzida da arte musical ou de qualquer outra arte tem inúmeras conseqüências para a formação dos educadores e do público em geral. Trata-se de um tipo de inabilidade restritiva que acaba por ampliar o efeito das imposições de uma mídia massiva, cujo compromisso cultural maior tem sido o lucro e não a divulgação das iniciativas de produção que emergem, incessantemente, dos vários segmentos do tecido social. A este tipo de ação, soma-se a restrição do acesso pelo público a manifestação original oriunda dos mais distintos contextos sociais e o conseqüente processo de esquecimento a que são submetidas, tanto as mais novas, quanto as mais antigas criações artísticas.

Edgar Morin, ao refletir sobre a dominação cultural imposta pela indústria da cultura, que se apropria da arte e a torna mercadoria massivamente vendável, vislumbra a profundidade da colonização do espírito humano conseqüência da ação desta indústria que objetiva monopolizar o gosto e o conhecimento das novas gerações e termina por reduzi-lo à apreciação das mercadorias que oferece.

A segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, a segunda colonização que passa a dizer respeito à alma progride no decorrer do século XX. Através delas espera-se esse progresso. Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente votado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais. (MORIN, 1975, p.9)

Toda esta “colonização do espírito”, como denomina Morin, sedimenta o Estado e o capitalismo como fortes protagonistas, atuantes na cena cultural brasileira, em detrimento da presença dos que, durante todo o período de formação

da sociedade brasileira viveram no território nacional, dedicando-se a produção de manifestações culturais através da aplicação da linguagem artística musical.

Por este caminho reflexivo entendemos que o oferecimento de experiências de apreciação musical vinculadas à aproximação dos compositores pela narrativa (auto)biográfica vem a oferecer aos apreciadores da arte musical em formação, experiências de entendimento aprimorado em relação à arte, posto que propicia a vinculação do que se ouve com os contextos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos em que se situam os compositores e suas manifestações musicais. Este tipo de aproximação também adiciona a possível vinculação afetiva ao personagem do qual se passa a conhecer não apenas a obra, mas a vida e as vivências desafiadoras que enfrentou, durante os momentos em que se dedicou a musicalizar as expressões de suas trajetórias sociais. Redobrando-se deste modo a intensidade sensível que complementa inefavelmente o gosto da descoberta e a apreciação das manifestações artísticas, por parte do público. É bastante familiar a dificuldade de preservação da memória histórica vinculada a monumentos, construções, documentos, ou outros tipos de ícones representativos dos processos instituintes de uma noção de nítida brasilidade em nosso país. Atribui-se em parte a esse aspecto de nossa práxis social a existência de frágil apego e sentimento de pertencimento à sociedade brasileira.

Se estivermos interessados em participar da disputa na composição de um sentimento de brasilidade que dialogue com a realidade vivida por personagens múltiplos, imersos muitas vezes em contextos de grande precariedade, como é o público escolar, podemos contribuir ativamente participando do esforço de manter vivo, na memória das novas gerações a contribuição de inúmeros e magníficos artistas musicais brasileiros. Nossos artistas e a arte musical brasileira, embora muito apreciados no exterior, permanecem relegados ao véu do desconhecimento entre nós. O que se sabe sobre Cussy de Almeida? Luperce Miranda? Alberto Nepomuceno, Lorenzo Fernandez, Ernesto Nazareth, Carlos Lira, e um sem número de outros nomes que soam no vazio aos jovens ouvintes.

Consideremos que o cenário de vivência do sentimento de brasilidade tem sido um momento costumeiramente resumido à celebração de eventos esportivos. Enquanto educadores, podemos apostar com alegria na pertinência de nos ocupar das novas gerações, que se encontram absorvidas, quase que exclusivamente pelo que lhes é apresentado nos programas televisivos massivos, oferecendo-lhes a oportunidade de navegar por um mar de sons e paixões brasileiras.

A EXPERIÊNCIA EM CAMINHOS TRILHADOS NA EDUCAÇÃO MUSICAL

A música é tida como de extrema importância para a vida das pessoas.

Podemos citar alguns exemplos visíveis, quando ao sair de casa pela manhã para ir ao trabalho, podemos ver muitos outros indivíduos com fones de ouvido enquanto andam pela rua. Para muitas pessoas é uma maneira de experimentar um momento de relaxamento, um momento de paz e reflexão. Criam uma trilha sonora que os acompanham aos mais variados momentos da existência.

Ao levantarmos a importância de uma educação musical que tente ajudar ao indivíduo a conhecer sobre si, sobre a história e o lugar em que vive, podemos trazer ainda outras exemplificações nas escolas regulares de educação infantil ao ensino médio, nas quais ainda vemos algumas tradições que carregam a preocupação do ensino de música. Elas se evidenciam nos desfiles cívicos anuais que cada escola faz, com sua banda marcial composta por impressionantes instrumentistas que levam música, alegria e comoção àqueles momentos em que se apresentam. Essas exposições tornam-se para os que fazem parte das bandas escolares ou para os que as assistem, bem como para os familiares que as acompanham, uma tradição e um rico patrimônio.

A partir destas percepções, estudos e debates entre o grupo que integra o Projeto de Extensão Laboratório de Educação Musical, alguns projetos surgiram e entre eles a realização de Oficinas de Educação Musical e posteriormente, um Curso de Extensão em Educação Musical.

Desde a implementação na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, das Oficinas de Apreciação Musical, alguns exercícios, a meu ver, se destacaram como uma iniciativa relevante e desejada para a complementação da formação de professores, portanto, interessante e, ao mesmo tempo, reveladora da precária condição em que se encontram grande número de estudantes universitários participantes, em relação à possibilidade de apreciação ampliada da linguagem musical.

Apresento os temas a seguir como suficientemente exemplificadores da necessidade urgente de trabalharmos a formação de público, a ampliação da apreciação musical, como um enriquecimento à limitada percepção que foi reiteradamente revelada pelos participantes destas oficinas. Os temas em destaque e que foram abordados nas oficinas e no curso são: música e letra; melodia e harmonia; diversidade de sons dos instrumentos musicais envolvidos em uma execução; gênero e estilo. Estes foram os temas que em especial despertaram muita curiosidade e permitiram aos participantes destas oficinas dimensionarem o próprio desconhecimento em relação àquilo que declararam apreciar: a música. Sem mencionar o desconhecimento em relação à memória da arte musical brasileira, ou seja, os nomes dos inúmeros e importantíssimos compositores, o que foi destacadamente percebido. Aqueles que permanecem por algum tempo na memória das novas gerações são quase que exclusivamente os nomes dos compositores e

cantores que estão atualmente divulgados pela mídia massiva.

No que diz respeito à distinção entre música e letra, a confusão é constante. Em inúmeras ocasiões durante a realização de trabalhos em diversas disciplinas, os alunos envolvidos declaram que pretendem apresentar uma música e, no entanto, na ocasião, procedem à leitura de um poema, muitas vezes sem sequer cantar a embalagem musical do dito poema, e afirmam que não cantam porque se sentem inibidos para isso. Permanecendo a música ausente da apresentação e a letra que, apresentada isoladamente, na verdade é um poema, ao ser lido, recebe o título de “música”. Tal procedimento faz desaparecer da percepção de todos os que assistem a tais apresentações a linguagem musical em sua especificidade, reafirmando uma percepção de senso comum equivocada em relação à impossibilidade de dissociação entre música e letra, reafirmando a noção de que a música é na verdade uma letra entoada de maneira específica.

Melodia e harmonia também são aspectos que suscitam a curiosidade, pois indiscutivelmente, os alunos desconheciam a distinção entre essas duas dimensões da composição musical. Embora seja recomendada uma iniciação mínima em relação à escrita musical para que se facilite o entendimento sobre a noção de melodia e harmonia, a percepção auditiva que habilita o apreciador da arte musical a distinguir ambas é um dos aprendizados necessários para embasar inclusive a ampliação do gosto pela música.

Quem toca? Quais são os instrumentos utilizados? Após uma audição de qualquer composição apresentada durante as oficinas, por mais que se esforçassem em perceber, na medida em que iam sendo exigidos e a atenção gradativamente se aguçava, os participantes das oficinas permaneciam mudos ante o questionamento sobre quais foram os instrumentos que participaram da execução da música que acabaram de ouvir. Alguns ousavam afirmar que havia “uma bateria e a música”. Por desconhecimento, não se dedicavam a ouvir e buscar distinguir as execuções distintas, se permitindo apreciar as performances dos instrumentistas nas suas execuções personalíssimas. Esta percepção limitada reduz e empobrece a audição dos apreciadores da música.

Quanto ao tema gênero e estilo, reside neste binômio o maior desconhecimento de todos. Assistimos durante os séculos de práticas sociais que permearam a formação social brasileira o surgimento de uma diversidade de gêneros musicais que revelam, entre outras características, a originalidade, a expressão de seus segmentos sociais de origem, os contextos históricos em que foram produzidos, o espaço-tempo destes surgimentos. Mas, atestam também a diversidade cultural e a multiplicidade de influências étnicas presentes e atuantes até nossos dias, a permear a expressão artística pelo meio da linguagem musical em nosso país. Há um afastamento das novas gerações em relação a estas obras, o que redund

em esquecimento, e a conseqüente desvalorização da memória que esvazia o patrimônio artístico e musical brasileiro. Além do mais, se não há o conhecimento dos gêneros, a percepção distinta e aprimorada em relação aos estilos não pode sequer ser alcançada.

Este afastamento da memória da arte musical tem se tornado inclusive um motor produtivo de preconceitos e restrições em relação à ampliada compreensão sobre o que vem a ser verdadeiramente a dimensão da linguagem musical. O texto de autoria de José Miguel Wisnick pode ser citado como um exemplo significativo da hostilização de que foi alvo o pianista brasileiro André Mehrmari ao apresentar o gênero musical Choro, para um público infanto-juvenil por meio das composições de Ernesto Nazareth, um dos nossos compositores da maior importância para a música brasileira e que está reservado às névoas do esquecimento por falta de conhecimento e trabalho sobre a memória e a consolidação do patrimônio musical brasileiro entre as novas gerações:

André foi participar de um espetáculo para 600 crianças de escolas públicas, com idades entre 10 e 12 anos, num dos teatros municipais de Campinas, no bairro da Vila Industrial. Acho que o programa se chama "Ouvir para crescer", e se iniciava com uma parte em que atores apresentavam de maneira divertida, caracterizados como palhaços, as características da linguagem musical. Até aí o roteiro pedagógico-cultural transcorria sem sustos. Em seguida entrava André, que apresentaria músicas de Ernesto Nazareth, fazendo as pontes, que ele é mestre em fazer, com outros repertórios. Ao começar uma explicação sobre a sua participação, e mesmo antes de tocar, começou a receber vaias e xingamentos pesados, intensivos, que se multiplicaram e continuaram ao longo de toda a apresentação. (WISNICK, José Miguel, 2013).

Se nos deparamos com uma realidade presente onde adolescentes se revoltam e agridem de diversas formas um instrumentista, por causa da pretensão em apresentar a sua jovem platéia um gênero musical carioca, como é o choro, nascido entre segmentos importantes, símbolo de uma musicalidade inspirada na memória de ritmos que remontam à uma africanidade vivida em sofrida diáspora, fruto da mescla de música européia e danças populares entre escravos como o lundu, precisamos perceber que o tema música se conecta obrigatoriamente com outros aspectos de nossa vida social, econômica e política.

Embora possa parecer que nos dedicamos a tratar exclusivamente da música e do seu lugar na memória dos jovens brasileiros, o tema é sem a menor dúvida, profundamente correlacionado ao debate sobre cultura brasileira e o sentimento de brasilidade, estímulos para o aprendizado de História e Geografia, em suma, inspiração para uma cidadania viva.

CONCLUSÕES

Abordar a questão da memória e do patrimônio cultural musical brasileiro facilita a apreensão da conexão entre a música, sua memória e condição de componente do patrimônio cultural brasileiro, com o campo do debate sobre a questão da cultura e da identidade nacional, fomentos do sentimento de pertencimento, animador de uma cidadania ativa.

Identificamos que quando as novas gerações demonstram desconhecer e não apreciar a memória afetiva musical de gerações passadas, o que assistimos não é o tão falado choque de gerações por uma ruptura estética. Trata-se na atualidade, de um fenômeno mais profundo: a perda de conexão com os que precederam a mais nova geração e a não identificação de uma conexão com os que os antecederam no tempo.

A história da sociedade na qual se inserem os jovens por conseguinte, passa a ser, da maneira como lhes é apresentada, apenas uma referencia de conteúdo disciplinar sobre o qual precisarão prestar contas de estudos e memorização ao enfrentarem as provas, sejam elas mensais ou processos de seleção em vestibular. Não lhes diz respeito, nem é parte se sua herança social. A falta de afinidade e desconhecimento aponta para a ruptura entre gerações que não compartilham memórias que sejam assentadas em experiências vividas ou na memória das mesmas. Como indica o autor: *“Todo o conjunto de lembranças que temos com eles desaparece bruscamente. Esquecer um período da vida é perder contato com os que nos rodeavam”*. (HALBWACHS, 2018, p.37)

Quando se fala de educação musical não estamos tratando somente do ensino teórico de música, ou de quando se toca um instrumento. Na formação do professor da educação básica aprende-se sobre didática, sobre a maneira de como mediar o conhecimento, tendo por base discussões que falam da importância de se utilizar diferentes recursos para a prática docente, entre outras coisas. E, em alguns casos a música lhes é apresentada como arte que pode ser instrumentalizada como veículo de suporte para a memorização de conteúdos a serem infinitamente cantados até que a memorização se realize por fim.

Entendemos que o desenvolvimento da apreciação musical envolve a aproximação democratizada ao patrimônio artístico musical brasileiro, com o objetivo de ampliar o gosto e o afeto pela cultura produzida em nosso país. Este movimento estimula o sentimento de pertencimento à sociedade o que, simultaneamente, fortalece o entendimento de que somos todos igualmente responsáveis pelo país que habitamos. Efetivos criadores da história que vem sendo narrada a cada nova geração nas nossas escolas.

Esta abordagem permite, em contrapartida, o exercício de transpor as

fronteiras disciplinares, permeando com sonoridades prazerosas a reflexão sobre temas que de outra forma podem se tornar áridos, e portanto, inócuos, se considerarmos na ação educativa apenas os caminhos de uma didática de explanações e leituras como a exclusiva via de acesso a temas tão relevantes tais como cultura e cidadania.

As experiências que se sucederam no Laboratório de Educação Musical com a realização das oficinas e do curso de extensão só se tornaram efetivamente viáveis devido o suporte tecnológico utilizado. A exibição de músicas, o acesso a internet, viabilizaram a apreciação musical. A utilização de slides exibidos em *PowerPoint*, seguidos da execução de arquivos musicais baixados da internet, foram recursos indispensáveis. Permitiram também a visualização de rótulos de discos produzidos em várias épocas, com a visualização de *longplays* gravados em porcelanato, executáveis em 78 rpm e vendidos envoltos em capas de papel pardo, sem as conhecidas capas ilustradas com desenhos e fotografias, verdadeiras obras de arte aguardadas pelos consumidores e fãs.... São informações muito importante porque permitem o compartilhamento de experiências, levam o debate até os lares, ampliando o efeito de uma educação que não pode mais se restringir aos muros das escolas e universidades.

Uma inovação que até os mais resistentes precisam celebrar em relação às novas tecnologias da informática consolida-se no fato de que estas têm servido de suporte para viabilizar o diálogo durante o presente período de reclusão e distanciamento social que atravessamos. A utilização de diversas mídias e redes sociais permite que se mantenham a interação a distancia favorecendo a que continuemos a enriquecer nossos conhecimentos e a trocar sons e diálogos sobre cultura e cidadania.

Este é um futuro que se consagra no presente, um tempo vislumbrado e que nos atravessa o hoje, se afirmando como parte integrante das salas de aula e das dinâmicas educativas que, cada vez mais incorporam em seus cotidianos as diversas formas de utilização de tecnologias. Juntamente com a flexibilização das fronteiras disciplinares e a incorporação de conteúdos diversos como a arte e a cultura que precisam fazer parte de ações educativas nas quais se pretende formar os futuros de cidadãos críticos e atuantes de nosso país.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Flavia de Oliveira, LEAL, Rita de Cassia Souza. *Cartografia Musical Rio de Janeiro 450 anos*. Rio de Janeiro: LetraCapital, 2016.

BRASIL. Lei 11769/2008.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

PRIOLLI, Maria Luisa de Mattos. *Princípios Básicos de Música para a Juventude*. 1º Vol. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Músicas, 2006.

WISNICK, José Miguel. *Não ouvir*. Rio de Janeiro: Caderno Cultura. Jornal O Globo, 2013.
<https://oglobo.globo.com/cultura/2013/05/25/nao-ouvir>